

cidade» —, e explica que apenas sugeriu algumas alterações pontuais. «Podemos discutir o feitio, gostar ou não gostar, mas a Igreja de Miraflores tem um programa razoável», afirmou à TABU, ainda antes da inauguração oficial.

Outro argumento de peso em Miraflores foi o preço: a igreja já custou mais de três milhões de euros, o orçamento inicial, e muito está ainda por fazer. Cansados das polémicas e de anos a fio a ver o esqueleto da igreja, os paroquianos preferem sublinhar a conclusão da obra, aguardada há muito por uma comunidade que foi crescendo à

medida que a zona foi urbanizada. É, aliás, a uma fervorosa família católica que se deve a ideia inicial de erguer a igreja. Pilar de la Peña e Joaquim Mechó foram os responsáveis pela urbanização de Miraflores, que desde os anos 60 previa a construção da igreja. Esta família doou algum dinheiro para a edificação mas, mais importante do que isso, cedeu a cave onde durante anos se reu-

## No Restelo, ainda falta construir a polémica torre de cem metros de altura. Padre nega contestação

niu esta comunidade de Miraflores, num espaço a «abarrotar» e sem condições. Pilar de la Peña, frequentadora assídua da missa, morreu sem ver a obra feita.

No dia da dedicação da igreja, comunicada em cima da hora para contornar eventuais polémicas, o patriarca de Lisboa falou de um templo que «eleva» e «envolve». Troufa Real foi convidado mas não apareceu. Mas antes da abertura oficial foi visitar a obra e de lá não saiu nada agradado.

## Críticos dizem que Igreja do Restelo só serve para chocar

Anos antes, na paróquia do Restelo, a crítica à igreja de Troufa Real foi mais difícil de conter devido à exuberância do projecto da estrutura, em forma de caravela e com uma torre de cem metros de altura. Quatro anos após a inauguração, em 2011, o pároco António Colimão garante à TABU que a polémica está ultrapassada e que o povo esteve sempre «silencioso» ao seu lado. Natural da Índia, e apaixonado pela temática dos Descobrimentos, foi o grande impulsionador desta obra, que

gostava agora de ver elevada à categoria de monumento. A escolha do arquitecto Troufa Real foi da Câmara de Lisboa, na altura liderada por João Soares, garante, mas não foi uma «imposição», esclarece, afastando as teorias conspirativas que apontavam para um favorecimento pessoal relacionado com a Maçonaria.

Lino Pimentel tem outra opinião e já fez questão de expressá-la na praça pública. «O objectivo da construir uma igreja não pode ser chocar, nem envai-decer mas propor uma mensagem», afirma. O arquitecto do Patriarcado que deu

parecer negativo a esta construção sublinha que aqui «não há um problema de arquitectura mas pastoral. Tem a ver com a forma como a igreja se apresenta ao mundo, à cidade».

Por construir, restam ainda dois terços da obra que incluem o salão paroquial e a controversa torre de cem metros. Foram gastos três milhões de euros, faltam outros três para concluir o edifício. Quanto ao custo do projecto, mesmo em tempo de crise, contrapõe: «Quando fomos mais pobres, não construímos também obras grandiosas?» •

rita.carvalho@sol.pt

## PENSAR HOJE UM LUGAR PARA A LITURGIA: o *aggiornamento* como projecto?

Depois de viajar pela Europa Central, Brasil e Estados Unidos, para ver o que de melhor se fez em termos de novas igrejas no rescaldo do Concílio Vaticano II, o arquitecto Bernardo Pizarro Miranda fez a sua tese de doutoramento. A TABU desafiou o também professor do Instituto Universitário de Lisboa a partilhar a sua reflexão, analisando o panorama da arquitectura religiosa



**BERNARDO PIZARRO MIRANDA**  
Arquitecto  
(investigador  
CIES-IUL)

AS ÚLTIMAS DÉCADAS do século XX testemunharam, sobretudo na Europa central, profundas transformações na estruturação arquitectónica do espaço litúrgico de tradição Católica. O lugar do baptismo, a definição de um lugar para a reconciliação, mas sobretudo a forma envolvente e unificada da assembleia em torno das mesas do altar e do ambão. A acção e o movimento da comunidade que celebra, associados a um novo gosto pela celebração da Eucaristia, traduziram-se numa maior exigência para com o desenho e a qualidade da presença de objectos rituais no espaço.

Para Klemens Richter (1940), liturgista de Munique, a revolução maior do século XX na arquitectura religiosa cristã é

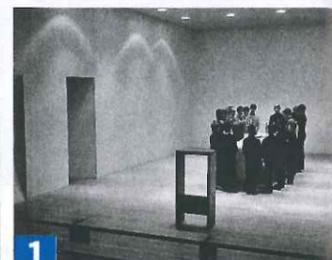
devida à devolução à assembleia viva do espaço de culto e à possibilidade de esta última traduzir a sua unidade fundamental através de uma presença activa da comunidade em torno do altar.

Aos dois tipos de estruturação do espaço litúrgico associados, pelo arquitecto alemão Rudolf Schwarz (1897, 1961), às imagens de uma igreja 'via ou caminho' e de um 'anel aberto' consolidou-se nas últimas décadas do século XX um terceiro tipo de espaços, associado por Albert Gerhards (1951) à ideia de centro: espaços que se aproximam da ideia de que a assembleia celebrante é através da sua configuração a imagem de um 'templo espiritual', uma construção feita de 'pedras vivas'.

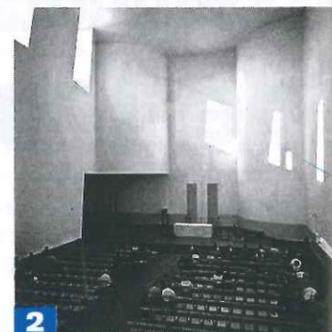
No primeiro tipo de estrutu-

ração arquitectónica, de raiz vincadamente basilical, associado à imagem de uma 'igreja caminho', permanece uma distinção evidente entre o espaço do santuário e a nave onde se dispõe axialmente a assembleia. Num espaço organizado em profundidade é dificultada a relação interpessoal. Este tipo de espaços tendem a acentuar uma dimensão visual da devoção individual em detrimento da reunião em torno da fracção e partilha da palavra, do pão e do vinho.

O segundo tipo, associado à imagem de um 'anel aberto', foi experienciado nas celebrações realizadas no Castelo de Rothenfels, a sede da associação da juventude católica Alemã, nas décadas de vinte e trinta do século passado. Em



1



2



3



4



5

1. Capela dos estudantes da Abadia Beneditina de Melk, projectada em 1966 por Ottokar Uhl. Organiza-se em torno de dois lugares: a mesa da Palavra e a mesa eucarística e implica o movimento da assembleia entre os dois pólos.
2. Igreja de Marco de Canaveses, de Siza Vieira. O recurso à melhor arquitectura, ao melhor dos contributos da arte, poderá neste contexto induzir em erro, sublinhando sobretudo um efeito cenográfico.
- 3 e 4. A Capela do Rato e a Capelinha das Aparições, em Fátima, permanecem hoje como exemplos de referência. A primeira readequada no final da década de 60 sob responsabilidade do Padre Alberto Neto; a segunda desenhada por José Carlos Loureiro
5. O espaço litúrgico da Igreja do mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, é um raro exemplo em Portugal desta terceira via: a valorização da ideia de um 'centro' que se assume como coração da assembleia celebrante. O vazio, delimitado pela assembleia, transformado em santuário.

da missa: o anúncio da Palavra; a oração comunitária, a individual e a reunião em torno da mesa da refeição.

O terceiro tipo de espaços sublinha a ideia de que a visão da liturgia proposta pelo Concílio Vaticano II é a de uma acção consumada no centro da assembleia, o lugar onde Cristo manifesta a sua presença. Esta proposta encontrou raiz, sabemos hoje, no património de uma tradição marcada pela diversidade das experiências litúrgicas das primeiras basílicas cristãs do século IV: Sírias,

Romanas e do Norte de África e, não menos importante, na domesticidade das funções da casa, o arquétipo do lugar da celebração Cristã.

Entre tantas outras relevantes experiências tão distintas quanto a renovação da Igreja de São Francisco (1998), em Bona, realizada por Dieter Baumewerd (1932), a intervenção de Maria Schwarz, na igreja de St. Alberto em Andernach, projectada inicialmente por Rudolf Schwarz, em 1954, ou ainda aquela que porventura foi objecto de um processo de trans-

formação mais lento, continuado e maturado, a Igreja de Santo Inácio de Paris. Nesta última os três pólos da acção litúrgica articulam-se com a assembleia, no centro do espaço: o altar no centro do eixo dominante e, nos extremos opostos, a mesa da Palavra e o lugar da presidência. Se o altar ocupa um dos centros da elipse, o segundo constitui-se como um lugar de espera: a espera de um baptizado, de uma ordenação, dos últimos votos de um caminho religioso ou mesmo da presença de um defunto.

Pensar e desenhar lugares para a interioridade, para hospitalidade e para a comunidade, abertos ao Outro, infinitamente diferente mas infinitamente próximo, deveria caber naquilo que é primeiro em matéria de espaço litúrgico: as pessoas que se reúnem e aquilo que fazem em conjunto, em razão da sua fé comum.

A herança cultural e ritual, como refere o Jesuíta francês Joseph Gelineau (1920-2008), vem em segundo lugar. O sujeito da liturgia, Esse, deve ser compreendido na assembleia dos homens reunidos. •